

# BIBLIOTECAS CIRCULANTES NA INGLATERRA INDUSTRIAL: práticas biblioteconômicas e sua atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação

*Amanda Christina Salomão*

Mestranda em Ciência da Informação pelo convênio entre Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail:

[amandachrisalomao@msn.com](mailto:amandachrisalomao@msn.com)

*Eduardo da Silva Alentejo*

Doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

E-mail: [alenteju@gmail.com](mailto:alenteju@gmail.com)

## RESUMO

Trata sobre as bibliotecas circulantes e sua atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação na Revolução Industrial inglesa. Analisa suas origens, desenvolvimento e práticas biblioteconômicas no contexto da nova configuração da economia do livro, proporcionada pela mecanização da imprensa. Especificamente, considera a participação e contribuição das bibliotecas circulantes, entendidas como estabelecimentos voltados para a locação de livros, para os desenvolvimentos posteriores no campo biblioteconômico, bem como a inclusão da mulher na cadeia produtiva do livro. Segundo abordagem qualitativa, adotou-se a pesquisa bibliográfica, norteada pelos aportes da bibliografia textual. Inferiu-se que essas bibliotecas foram fundamentais para estimular o gosto e proporcionar o acesso ao livro e à leitura às mulheres que, anteriormente, se viam praticamente fora do círculo de interesse da produção e transmissão de informação e conhecimento. Conclui que esses estabelecimentos são entendidos como modelos precedentes de muitas práticas adotadas nas bibliotecas até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** Bibliotecas circulantes. Práticas biblioteconômicas. Inclusão da mulher. Economia do livro. Revolução Industrial.

**CIRCULATING LIBRARIES IN THE INDUSTRIAL ENGLAND: librarianship practices and their role as a new environment of information distribution and circulation**

## ABSTRACT

It deals with the circulating libraries and their role as a new environment of distribution and circulation of information in the British Industrial Revolution. It analyzes its origins, development and library practices in the context of the new configuration of the book economy, provided by the mechanization of the press. Specifically, it considers the participation and contribution of the circulating libraries, understood as book rental establishments, for later developments in the

Librarianship field, as well as the inclusion of women in the production chain of the book. According to a qualitative approach, the bibliographical research was adopted, guided by the contributions of the textual bibliography. It was inferred that these libraries were essential in stimulating taste and providing access to books and reading to women who had previously been practically outside the circle of interest in the production and transmission of information and knowledge. It concludes that these establishments are understood as previous models of many practices adopted in the libraries to the present day.

**Keywords:** Circulating libraries. Librarianship practices. Inclusion of woman. Book economy. Industrial Revolution.

## 1 INTRODUÇÃO

Virginia Woolf (2014) menciona, no ensaio *Um teto todo seu*, que os homens poderiam trancar as bibliotecas se quisessem, mas que nunca poderiam calar a liberdade de seu pensamento. A autora faz alusão às bibliotecas universitárias inglesas do início do século XX, que restringiam o acesso às mulheres, ao passo que aos homens sua circulação era praticamente irrestrita.

Como um todo, desde muito antes de Virginia Woolf, sobretudo ao longo dos períodos setecentista e oitocentista, os ambientes destinados à produção, circulação e transmissão de saberes na Inglaterra, tomados tradicionalmente como bibliotecas, arquivos e museus, mantinham suas portas quase sempre fechadas para as mulheres, não apenas reduzindo suas chances de desenvolvimento intelectual, como também seu acesso à informação e ao conhecimento.

Significa dizer que, no contexto das relações de gênero estabelecidas nos séculos XVIII e XIX, o conhecimento era tido como abominável para uma mulher (FERGUS, 2011; VASCONCELOS, 2002), uma vez que elas deveriam se devotar aos assuntos da vida privada e não às discussões eruditas. As mulheres encontravam-se, portanto, quase sempre à margem – quando não subtraídas totalmente – dos saberes produzidos e circulados na sociedade, de modo a verem diminuídas suas chances de independência e, ao mesmo tempo, serem relegadas ao mundo privativo da administração do casamento e do lar.

Contudo, ainda que esses espaços estivessem majoritariamente destinados aos homens, alguns poucos estabelecimentos acabavam por disponibilizar acesso ao livro e à

leitura às mulheres, sendo comumente considerados como ambientes malvistas que estimulavam o ócio e a imoralidade por entre a sociedade patriarcal britânica dos séculos XVIII e XIX.

Este era o caso das bibliotecas circulantes, objeto do presente estudo. Nascidas no seio da Revolução Industrial como um negócio privado que tinha como um de seus principais intuitos o aluguel de livros - especialmente romances - para o público feminino, esses estabelecimentos atuaram, no cenário da nova configuração econômica e social desencadeada pelo processo revolucionário, como facilitadores no que tange ao acesso da mulher à cultura impressa, ainda que visassem apenas ao lucro.

Assim, para este trabalho, interessa analisar, a partir da pesquisa bibliográfica e aportes da bibliografia textual, o florescimento das bibliotecas circulantes na Inglaterra do século XVIII, lançando luz às suas origens, práticas biblioteconômicas iniciais e atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação e conhecimento em meio ao contexto da Revolução Industrial e mecanização da imprensa.

Pontualmente, o estudo integra e é resultado de pesquisa no campo da bibliografia textual com abordagem histórica, no âmbito dos estudos biblioteconômicos sobre a leitura e as bibliotecas, com ênfase à temática da mulher e sua inserção na economia do livro. O foco principal foi analisar como as bibliotecas circulantes contribuíram para o início dessa inclusão no contexto industrial da cultura impressa.

Na primeira fase da pesquisa, verificamos a participação dessas bibliotecas para o desenvolvimento das práticas de leitura femininas a partir da oferta de romances que, por seu fácil conteúdo, facilitou sua apreensão a um público consideravelmente afastado da educação intelectual e, dessa forma, possibilitou a inclusão da mulher na economia do livro na posição de leitora. Já na segunda etapa, analisamos a atuação desses estabelecimentos para a ascensão da mulher como escritora, buscando compreender como o estímulo às práticas de leitura, bem como suas atividades de comércio e publicação de romances de autoria feminina, contribuíram para a inserção da mulher na cadeia produtiva do livro. Para o terceiro estágio da investigação, objeto do estudo aqui apresentado, interessa analisar as perspectivas históricas, sociais e biblioteconômicas do desenvolvimento das bibliotecas circulantes, com ênfase para seu funcionamento, técnicas e atuação no cenário da nova configuração da economia do livro, que acabaram por favorecer, posteriormente, a inclusão da mulher no universo literário.

Aqui, o delineamento do objeto de estudo encontra sua razão de ser na relação intrínseca entre as bibliotecas circulantes e as práticas biblioteconômicas, uma vez que esses empreendimentos, em muitos aspectos de suas técnicas e funcionamento, influenciaram os primeiros modelos – ainda que rudimentares - de bibliotecas públicas na Inglaterra, bem como os procedimentos adotados por outras tipologias de bibliotecas até os dias de hoje, tanto em termos de organização quanto de acesso (GERARD, 1980).

Além disso, no contexto das tipologias de bibliotecas e suas funções, a temática das bibliotecas circulantes parece pouco explorada nos estudos biblioteconômicos-informacionais. Em breve consulta às bases de dados brasileiras e internacionais da área, como a Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e a *Library and Information Science Abstracts* (LISA), os resultados para os termos “bibliotecas circulantes” e “*circulating libraries*” se mostraram incipientes, denotando a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre este tema, à luz de suas práticas biblioteconômicas e contribuição para a inclusão da mulher na economia do livro.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de ordem qualitativa e natureza exploratória está dividida em duas partes. A primeira se baseia na pesquisa bibliográfica nas produções científicas das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas apontadas por Fonseca (1979), Gil (2009), Goldenberg (2004) e Menou e Guinchat (1994), a partir das quais, através do método indutivo, buscamos verificar as práticas biblioteconômicas e o desenvolvimento das bibliotecas circulantes como novo ambiente de distribuição e circulação de informação no contexto da Revolução Industrial.

Para coleta e análise dos dados, mapeamos as áreas de Biblioteconomia, Ciência da Informação, História Social e Estudos Literários, com vistas a investigar como a temática é abordada nesses campos. Para tanto, recorreremos, além de livros das referidas áreas, às bases nacionais e internacionais, como: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-IBICT), LISA, JSTOR e BRAPCI. Os indexadores utilizados para as buscas foram: bibliotecas circulantes, *circulating libraries*, biblioteca circulante e *circulating library*, através dos campos título, resumo, assunto e palavras-chave e em buscas combinadas.

Essencialmente, as produções científicas sobre as bibliotecas circulantes se desenvolvem em sua maioria no cenário internacional, no âmbito dos estudos histórico-sociais e literários, a partir de trabalhos pioneiros como os de Alan Dugald McKillop (1934), com *English circulating libraries, 1725-1750*, Hilda M. Hamlyn (1946), com *Eighteenth-century circulating libraries in England*, Paul Kaufman (1967), com *The community library: a chapter in english social history* e Kite (1971), com *Circulating libraries in eighteenth-century Bath*.

No campo biblioteconômico-informacional, especificamente, encontramos apenas dois artigos que tratam da temática: *Subscription libraries: Great Britain*, de David Gerard (1980), que se propõe a explorar o funcionamento e métodos rudimentares de gestão dessas bibliotecas; e Felipe Meneses Tello (2014), com *Bibliotecas y división de clases: las bibliotecas cuasi públicas en el sistema burgués británico durante los siglos XVIII-XIX*, que aborda o contexto histórico-social desses estabelecimentos.

Nesse contexto, é importante ressaltarmos que, por mais que se reconheça a importância dos pesquisadores supracitados para a área, muitos e alguns outros igualmente relevantes ainda não puderam ser analisados, tendo em vista a limitação de acesso a alguns materiais sobre o tema no Brasil.

Além disso, ainda que muitos dos artigos pioneiros tenham sido publicados em periódicos que tratam dos estudos bibliográficos e informacionais no geral, como o *The papers of the Bibliographical Society of America*, a abordagem utilizada nessas produções, ainda que recorra à temática biblioteconômica, não contempla explicitamente o campo.

Já para a segunda etapa, analisamos o florescimento das bibliotecas circulantes à luz do aporte teórico-metodológico da bibliografia textual indicado por Horch (1978), que emerge no contexto da Revolução Industrial para compreender as modificações desencadeadas pela mecanização da imprensa e o panorama histórico-social da nova configuração da economia do livro. No âmbito dessas transformações, Gaskell (2012) aponta que seus desdobramentos foram essenciais para o desenvolvimento de novos modelos de produção, circulação e disseminação do livro e da leitura, de modo a possibilitar a ascensão de novos gêneros – como o romance - e a inclusão de novos públicos nesses processos, como as mulheres das classes médias e médias-altas.

No contexto do presente trabalho, para fugirmos ao anacronismo, é importante pontuar que as atividades desempenhadas nas bibliotecas circulantes não eram declaradas abertamente como “práticas biblioteconômicas”. Contudo, ainda que, à época,

não fossem tomadas por essa terminologia, sua natureza e caráter denotam a existência e aplicação de práticas que precederam os desenvolvimentos no campo da Biblioteconomia, sendo suas técnicas, métodos e procedimentos aperfeiçoados nas décadas seguintes e, de certa forma, aplicados nos primeiros modelos de bibliotecas públicas na Inglaterra, principalmente no que tange à disponibilidade de acesso à mulher ao livro e à leitura (GERARD, 1980; LYONS, 2011; MENESES TELLO, 2014).

Berwick Sayers (2009) afirma, na introdução de *As cinco leis da Biblioteconomia*, que a prática da Biblioteconomia precedeu em muito a formulação de quaisquer leis ou teorias. Os processos, bem como o trabalho bibliotecário que se mostram tão aprimorados atualmente, já existiam de forma embrionária nas bibliotecas de outrora, à exemplo das assírias e monásticas, sendo os métodos de gestão, classificação e organização já utilizados há séculos. Desse modo, podemos entender as atividades desempenhadas nas bibliotecas circulantes, ainda que não declaradamente sob esse termo, como práticas biblioteconômicas.

Assim, na primeira parte do artigo, apresentamos a contextualização das bibliotecas circulantes, com ênfase para seu funcionamento, técnicas e atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação. Em seguida, discorreremos sobre as práticas biblioteconômicas iniciais desempenhadas nesses estabelecimentos que, ainda que rudimentares, precederam as técnicas empregadas até os dias de hoje em muitas tipologias de bibliotecas. Nos resultados, debatemos a participação e contribuição das bibliotecas circulantes para a inclusão da mulher na economia do livro. Logo após, partimos para as reflexões finais.

### **3 O FLORESCIMENTO DAS BIBLIOTECAS CIRCULANTES NO CONTEXTO INDUSTRIAL BRITÂNICO**

Taunton (2014) posiciona a expansão das bibliotecas e sua função como disseminadora de informação e conhecimento no centro da Revolução Industrial e do desenvolvimento dos aparatos tecnológicos proporcionados por sua emergência. A partir da mecanização da imprensa, estabeleceram-se novas configurações para a economia do livro, de modo a modificar consideravelmente os modelos de sua produção, circulação e transmissão.

Segundo Meneses Tello (2014), associado ao desenvolvimento da educação, esses processos contribuíram para ocasionar a demanda por novos materiais de leitura por entre as classes menos avantajadas da sociedade. Temos aqui não apenas o barateamento dos impressos – em relação aos altos preços cobrados até o século XVIII -, como também uma abertura para o surgimento de novos gêneros literários e formas de acesso ao livro e à leitura, o que pode ser visto por meio da ascensão do romance e do florescimento das bibliotecas circulantes.

Em linhas gerais, Erickson (1990) aponta que as bibliotecas circulantes podem ser entendidas como uma espécie de negócio privado, gerenciado por livreiros ou empreendedores, cujo objetivo principal era o aluguel de livros. Seu intuito era atingir, sobretudo, as camadas menos abastadas, em especial as mulheres das classes médias, através dos livros de ficção, sendo os romances sua centralidade.

No âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, Gerard (1980) e Meneses Tello (2014) compartilham da opinião de Erickson (1990), apresentando a biblioteca circulante como aquela gerenciada e organizada por livreiros com vistas ao lucro, através da locação de livros à preços mais acessíveis.

Nesse contexto, Erickson (1990) e Watt (1990) explicam que o termo “bibliotecas circulantes” surgiu na Inglaterra em meados da década de 1740, embora, sobretudo a partir de 1725, já existissem registros de bibliotecas dessa tipologia. Chartier (2009) se refere a elas também como: *circulating libraries*, *rental libraries*, *leihbibliotheken* e *cabinet littéraires*.

Para Wittmann (1999), o ápice das bibliotecas circulantes tem seu ponto de partida por toda Europa em meados do século XVIII, mais precisamente a partir de 1750. Em 1761, o livreiro Quillan fundou a primeira biblioteca circulante (*cabinet littéraire*) em território francês, a qual resultou na ampla multiplicação dos estabelecimentos nas décadas de 1770 e 1780.

Nos territórios de línguas germânicas, por sua vez, Wittmann (1999) aponta para a existência da primeira biblioteca circulante (*leihbibliotheken*) em *Frankfurt-am-Main*, também na década de 1750. Na maioria das cidades, mesmo nas menores, havia pelo menos uma biblioteca desse tipo em operação, já nas décadas de 1780 e 1790. Por volta de 1800, *Leipzig* contava com nove estabelecimentos, enquanto *Bremen* tinha dez e *Frankfurt-am-Main* atuava com 18 bibliotecas circulantes.

Na Grã-Bretanha, de acordo com Altick (1998), a primeira biblioteca circulante de que se tem conhecimento foi fundada na Escócia pelo intelectual, poeta e livreiro Allan Ramsay, ainda na primeira metade do século XVIII. Contudo, foi na Inglaterra que a fórmula alcançou grande sucesso. Em um primeiro momento, Benson (1997) e Gerard (1980) apontam, ainda no século XVII, para a existência de um sistema de empréstimo rudimentar antes do termo “biblioteca circulante” ter sido cunhado.

Segundo Kaufman (1967), no contexto desse sistema, estima-se que as práticas de empréstimo de livros, ainda que em modelos rudimentares e sem a cobrança de taxas de aluguel bem estabelecidas, eram um costume em países europeus já no período medieval. Na França e Inglaterra, por exemplo, estudantes e pesquisadores universitários, bem como membros da Igreja, emprestavam livros de bibliotecas catedrais e universitárias, de modo a ilustrar a existente familiaridade da sociedade com as práticas de empréstimo desde antes do século XVIII.

Em território britânico, tendo por base evidências encontradas em jornais e propagandas de livreiros da época, Gerard (1980, p. 212, tradução nossa) indica a existência de práticas de empréstimos já em 1661, quando Francis Kirkman ofereceu parte de seu estoque sob a chamada “empréstimo para leitura”. Outro exemplo interessante é a propaganda de uma viúva que, em 1674, oferecia “todos os tipos de histórias para comprar ou pegar emprestado para ler”.

No entanto, como já indicado por Wittmann (1999), foi no século XVIII que as bibliotecas circulantes atingiram seu ápice. Em 1728, Thomas Sendall fundou uma livraria em Bristol e, rapidamente, o novo hábito tornou-se parte do cenário social britânico, estimulando a inauguração e a expansão de novos estabelecimentos. Para Watt (1990), a difusão dessas bibliotecas efetivou-se a partir de 1740, quando se fundou em Londres o primeiro comércio do tipo, às quais se seguiram, no mínimo, sete em apenas uma década.

Interessante também ressaltarmos que, segundo Gerard (1980), o período de maior crescimento foi entre 1740 e 1800. Nesse momento, Londres contava com nove bibliotecas circulantes na década de 1740, sendo o estabelecimento de Samuel Fancourt, fundado em 1742, na *Fleet Street*, um dos mais conhecidos. Esta biblioteca é conhecida por ser a primeira a utilizar o termo “biblioteca circulante” para descrever a si mesma, inspirando outros livreiros a fazerem também o uso dessa terminologia.

Outro pioneiro foi Francis Noble, que inaugurou a *Large Library of Useful Entertaining Books* em 1746, e Thomas Lowndes, com o estabelecimento da *Lowndes*

*Circulating Library*, já em 1755. Nos anos compreendidos entre 1770 e 1780, Schürer (2007), tendo por base Hamlyn (1946), indica a existência de 19 bibliotecas circulantes em Londres.

Ao longo de todo o século XVIII, de acordo com Chartier (2009) e Kaufman (1967), podemos observar a existência de cerca de 380 bibliotecas circulantes, sendo 112 em Londres e 268 na província, dispersas por entre 119 localidades diferentes. No ano de 1775, conforme aponta Erickson (1990), muitas bibliotecas circulantes expandiram-se para os centros urbanos, tais como Londres e *Bath*. Ainda, em 1801, Erickson (1990) e Kaufman (1967) indicam a existência de não menos que mil bibliotecas circulantes na Inglaterra, a partir da qual, em 1826, quase toda cidade britânica contava com ao menos um estabelecimento do tipo.

Segundo Chartier (2009), o propósito das bibliotecas circulantes era quase sempre o mesmo: em troca do direito de assinatura, os leitores poderiam ler no local ou levar para casa as obras que o catálogo do livreiro oferecia sob a forma de locação à preços módicos, quando comparados aos altos valores cobrados pelos impressos na segunda metade do século XVIII.

Essas bibliotecas ofereciam aos seus assinantes uma vasta coleção de livros cuja aquisição por meio da compra seria consideravelmente cara e, portanto, inviável. Nesses estabelecimentos, pelo preço de um livro, era possível ter acesso à diversos tipos de impressos ao longo de um ano. O empréstimo de livros como forma de aquisição se apresentava, portanto, como uma prática mais econômica e acessível do que a compra.

Isto se dá, pois, ainda que a mecanização da imprensa tivesse barateado substancialmente o preço dos livros, os impressos não eram suficientemente acessíveis para a aquisição frequente por grande parte da sociedade, sobretudo as classes médias e, nesse contexto, as mulheres, tomadas como principais frequentadoras dessas bibliotecas.

A aquisição de livros por meio da compra se dava, em sua maioria, por membros das classes aristocráticas, conforme apontam Erickson (1990) e Watt (1990), de forma que as camadas menos abastadas, quando não tinham meios de acessar às bibliotecas particulares, encontravam nas bibliotecas circulantes o acesso aos livros e à leitura, uma vez que forneciam literatura a preços mais baratos e por um período de tempo maior.

Para tanto, segundo Erickson (1990), as bibliotecas circulantes localizavam-se, em sua maioria, em cidades balneárias, como *Scarborough*, no condado de *North Yorkshire*, e *Bath*, no condado de *Somerset*, atraindo inúmeros assinantes provenientes das classes

médias-altas que ali passavam as temporadas - tanto pelos livros comercializados quanto pelo espaço de sociabilidade que ofereciam.

As áreas rurais, por sua vez, não contavam com muitas bibliotecas circulantes, visto que os livreiros precisavam de uma população urbana de pelo menos dois mil habitantes para a sobrevivência de seu estabelecimento (ERICKSON, 1990). Para os moradores dos campos que desejavam ter acesso ao livro, era possível incluir à sua assinatura, por um preço adicional, o serviço de entrega à domicílio.

Nesse contexto, tendo em vista que os hábitos de lazer se encontravam consideravelmente expandidos por entre as cidades urbanas, sobretudo as litorâneas e outras consideradas como o centro da moda, as bibliotecas circulantes acabavam por ser frequentadas por membros das classes médias e médias-altas, que transformavam seu espaço em um verdadeiro ambiente de sociabilidade, onde iam também para encontrar pessoas e não apenas pegar livros emprestados.

Segundo Benson (1997) e Erickson (1990), além de proporcionar acesso ao livro e à leitura, as bibliotecas circulantes acabaram por se tornar também um ambiente no qual as mulheres iam para verem umas às outras, bem como para saber ou anunciar quem estava na cidade, considerando-se o hábito comum dos visitantes inscreverem-se em bibliotecas circulantes assim que chegavam em uma cidade.

Além disso, conforme aponta Colclough (2007), com o intuito de oferecer entretenimento aos seus usuários durante a temporada em que passavam nas cidades balneárias, as bibliotecas circulantes incluíam em seu estabelecimento a comercialização de luvas, guarda-chuvas, chás, perfumes, brinquedos e outras bugigangas, como se fossem realmente lojas. De acordo com Kite (1971), era possível encontrar nessas bibliotecas, até mesmo, convites à venda para bailes e concertos.

Para Colclough (2007), essas concepções sugerem que as bibliotecas circulantes foram promovidas a um espaço de sociabilidade a partir do qual as famílias das classes médias e médias-altas iam para se reunir, conversar e comprar quinquilharias. Assim, esses estabelecimentos assumiam outra função além do aluguel de livros: promoviam a sociabilidade.

Ao combinar o empréstimo de livros com a venda de outros produtos, bem como a oferta de entretenimento que, em muitas vezes, incluía a dança e os jogos de azar, a biblioteca circulante contribuiu em muito para a reinvenção da leitura como atividade de lazer, tornando a prática de ler em momentos de fruição, sobretudo para as mulheres.

Para além dos livros cultos e religiosos que eram lidos em peso até o século XVIII, Meneses Tello (2014) e Wittman (1999) apontam que as bibliotecas circulantes, atreladas às transformações ocasionadas pela mecanização da imprensa, contribuíram para reformular as concepções dos gostos literários e das práticas de acesso ao livro e à leitura, que incluíam primordialmente a leitura de fruição - e, nesse cenário, os romances - e possibilitavam novas instâncias de inclusão para as classes anteriormente restritas do acesso ao livro.

#### **4 AS PRÁTICAS BIBLIOTECONÔMICAS INICIAIS NAS BIBLIOTECAS CIRCULANTES**

No contexto industrial aqui apresentado, recorremos à Jacques-Charles Brunet (1860) para descrever o que entendemos neste trabalho por “práticas biblioteconômicas”, ainda que o termo não existisse à época. Para o autor, as atividades desempenhadas nas bibliotecas dos séculos XVIII podem ser entendidas como os serviços de toda natureza prestados aos usuários em ambientes dedicados à guarda e organização de registros bibliográficos. Basicamente, são todas as técnicas e procedimentos empregados para que uma biblioteca funcione e tenha subsídios para alcançar seu principal objetivo: atender as necessidades de um público-alvo que, no período industrial, se encontrava em acelerada expansão e com gostos cada vez mais seculares (BRUNET, 1860).

Cada qual com seu público, finalidade e funcionalidades específicas, as bibliotecas eram, ao longo dos períodos setecentista e oitocentista, os melhores e maiores símbolos desse cenário de práticas, atuando como espaços praticamente exclusivos de produção, circulação e transmissão de informação e conhecimento. No caso das bibliotecas circulantes, seus métodos e processos bibliotecários de gestão influenciaram consideravelmente não apenas a expansão do acesso ao livro e à leitura, anteriormente restrito às classes aristocráticas, mas também para o desenvolvimento do campo biblioteconômico nas décadas posteriores (GERARD, 1980).

Diante desse panorama, torna-se interessante compreendermos a que práticas biblioteconômicas tratamos aqui, de modo a analisar não apenas o que eram as bibliotecas circulantes em sua ótica social, como também as atividades implicadas para que os livros chegassem aos seus leitores.

Sob a perspectiva biblioteconômica, Gerard (1980, p. 213, tradução nossa, grifo nosso) apresenta o funcionamento e os procedimentos técnicos presentes nesse tipo de estabelecimento, que em muito se assemelham às atividades desempenhadas atualmente:

Eram utilizados métodos confiáveis para lidar com as rotinas de aquisição de obras e procedimentos de empréstimo, bem como com a publicação de catálogos, que eram utilizados pelos assinantes para seleção. **Os procedimentos iniciais empregados nas bibliotecas circulantes precederam os posteriores desenvolvimentos no campo biblioteconômico.** Taxas de assinaturas fixas, períodos de empréstimo, registros dos assinantes, livros de adesão, contas, bilhetes, rótulos e os selos da biblioteca – toda a parafernália associada ao trabalho das bibliotecas, mesmo nos dias de hoje, na era dos sistemas informatizados – tiveram que ser criadas com certa precedência. [...] Os assinantes pagavam suas assinaturas mensalmente, por trimestre, por semestre ou anualmente; e as taxas variavam de cinco *shillings* para a temporada ao padrão de 1 guinéu por ano. O sistema de assinaturas por classes permitia que as novas publicações fossem reservadas para os que podiam pagar taxas mais altas, de modo que poderiam, ainda, pegar emprestado mais de um livro por vez (uma média de seis volumes, ao invés dos dois usuais). Os não assinantes podiam pegar livros emprestados por uma taxa de empréstimo de alguns centavos por volume e deviam deixar ainda um depósito igual ao valor do livro emprestado. Os catálogos impressos eram vendidos à seis *pence* ou 1 *shilling*, e os leitores selecionavam seus títulos a partir deles. Embora o acesso direto às prateleiras fosse permitido, um funcionário normalmente servia como intermediário. O tempo permitido para leitura variava de dois dias a um mês, dependendo do quão atual o livro fosse; e os livros podiam ser trocados no mesmo dia em que eram solicitados. Multas eram cobradas por livros atrasados, e aqueles perdidos ou danificados deveriam ser pagos em seu preço total. Serviço de entrega à domicílio para os assinantes locais e residentes dos campos era uma prática sugerida; os livros eram enviados através de uma carruagem, porém era adicionada uma taxa às assinaturas. A organização das prateleiras se dava, provavelmente, por tamanho, uma vez que os catálogos dessas bibliotecas se encontravam geralmente organizados da seguinte forma: duodécimo, octavo, quarto, folio, e uma parte separada para os panfletos. As obras mais populares eram compradas em peso, especialmente os romances, e a maioria dos trabalhos em duodécimo eram encadernados em couro com placas de mármore.

Além do modelo descrito por Gerard (1980), Colclough (2007) afirma que as bibliotecas circulantes podiam também se apresentar sob dois tipos de funcionamento: aquelas que cobravam por cada livro emprestado e as que exigiam uma assinatura de seus frequentadores.

As bibliotecas que possuíam um estoque pequeno de livros eram consideradas, em sua maioria, como uma espécie de complemento à livraria ou a outros tipos de negócios dos livreiros. De acordo com Colclough (2007), costumavam realizar empréstimos diários

ou semanais, sendo a cobrança de um tostão pela diária de um livro ou cerca de três *pence* por semana uma prática usual no final do século XVIII. No entanto, ainda que essa taxa fosse considerada módica, continuava estando muito além das posses de grande parte da população (MENESES TELLO, 2014).

Já as bibliotecas que possuíam um estoque maior, ainda segundo Colclough (2007), podiam cobrar taxas anuais, semestrais ou quadrimestrais. No final do século XVIII, visto que grande parte das bibliotecas circulantes se localizava em cidades balneárias, a cobrança das taxas de assinatura era feita para a temporada.

Para Kite (1971), algumas bibliotecas circulantes de *Bath* durante o século XVIII também apresentavam diferentes formas de funcionamento. Geralmente, um assinante podia pegar emprestado dois livros por vez, durante um período de dez dias. Nos casos de exemplares novos, por sua vez, o tempo de empréstimo era ainda mais restrito, variando por entre dois, quatro ou seis dias, sendo permitido alugar apenas um livro por vez.

Os livros, adquirindo essencialmente o formato de duodécimo ou octavo, eram selecionados por meio dos catálogos, no qual cada item possuía uma numeração única, de modo que, para escolher um exemplar, era necessário apenas solicitar o número desejado. Segundo as regras do estabelecimento, os assinantes podiam mandar criados em seus lugares com a lista dos números selecionados. Tendo em vista a ampla circulação de livros e pessoas nas bibliotecas circulantes, nem sempre possuíam disponível em seu acervo todos os números selecionados; muitos podiam estar emprestados, de modo que, ao solicitar mais de um número, os assinantes tinham mais opções de escolha à sua disposição (KITE, 1971).

Isso demandava dos assinantes, conforme aponta Schürer (2007), a necessidade de uma atualização – sempre que o livreiro reorganizava seu acervo e renumerava seu catálogo - dos catálogos que compravam das bibliotecas circulantes. Se não o fizessem, ao enviar a lista com os números selecionados, corriam o risco de escolher um livro diferente daquele desejado. Isto é, se no catálogo anterior um número representava determinado livro, por exemplo, no catálogo atualizado esse mesmo número poderia indicar outro material. Por isso a importância de se manter sempre atualizado perante às reorganizações no acervo, de modo a saber qual livro estava a solicitar.

Dessa forma, segundo Kite (1971), o catálogo acabava por servir tanto como catálogo de biblioteca, podendo ser consultado no próprio estabelecimento, ou como

catálogo de venda, no qual cada assinante poderia compra-lo e leva-lo para casa, de modo a escolher os livros que gostariam de emprestar sem precisar ir até a biblioteca. Nesses casos, conforme já mencionado, os criados poderiam buscar os livros no lugar de seus patrões, já munidos da lista de itens selecionados.

Além disso, ainda segundo Kite (1971), nos catálogos de venda, cada item tinha um preço. Significa dizer que os livros poderiam ser alugados ou comprados, ainda que a segunda opção raramente estivesse ao alcance dos assinantes dessas bibliotecas.

Vale aqui mencionar que, para Fergus (1984), a compra e o empréstimo de livros atendiam a diferentes tipos de leitores. Os livros das bibliotecas circulantes, vendidos à preços módicos, somado à disseminação da alfabetização por entre as classes menos abastadas, acabaram por permitir uma considerável expansão do público leitor, de modo a incluir aqueles que, de outra maneira, provavelmente não teriam recursos para ter acesso ao livro e à leitura, tais como os pertencentes às camadas médias. A compra de livros, por outro lado, era considerada de competência das classes literatas e alfabetizadas, tais como a *gentry*, considerados como membros da alta sociedade e pequena aristocracia rural.

Ainda no tocante aos catálogos das bibliotecas circulantes, Schürer (2007) aponta para sua utilização não apenas como veículo de divulgação, como também instrumento para descrição do público que buscavam atingir e de seu acervo. Nesses catálogos, era possível observar o preço dos livros e das assinaturas, o tamanho da coleção do proprietário, os tipos de gênero comercializados, bem como os tamanhos físicos dos livros.

Com isso, os catálogos, colocados à venda para que os assinantes pudessem saber sobre os livros disponíveis no acervo, ou acessíveis gratuitamente nas bibliotecas circulantes, acabavam por atuar como uma espécie de instrumento de mediação entre leitor e biblioteca, de modo que, através deles, tornava-se possível não só selecionar os livros a serem lidos, bem como conhecer melhor os aspectos internos das bibliotecas circulantes (SCHÜRER, 2007).

Na propaganda abaixo da *Fowler's Circulating Library*, datada de 1786, podemos observar a variedade do catálogo dos livreiros das bibliotecas circulantes, o que pode ser visto claramente através do trecho “panfletos impressos e livros de todos os tipos”. Os livros eram destinados a atender aos mais diversos gostos, o que é exemplificado através

da passagem “Todos os gostos ele pode atender, sejam eles sempre tão variados e apeteçam a todos os interesses, ainda que precários”.

Panfletos Impressos, e Livros, de todos os tipos e condições.  
Bem encadernados, em boa ordenação, as edições mais bonitas;  
Todos os gostos ele pode atender, sejam eles sempre tão variados  
E apeteçam a todos os interesseres, ainda que precários;  
Há verdades e máximas para agradar os mais criteriosos;  
Ali, os astuciosos podem vir a encontrar piadas, e os eruditos  
encontrarem aprendizado;  
Para os mais contentes, há regojizo, e contos tristes para os infelizes,  
E cercos, e batalhas, e guerras para os corajosos;  
Para as mentes curiosas que amam os fatos,  
Existem todos os tipos de histórias, memórias e tratados;  
Para os poetas, há a rima, para os consistentes, há a prosa,  
E assistência para aqueles que querem ajuda para compor,  
Para passar pelas horas tristes; há romances na loja;  
Contos de fada e romances, e cinquenta coisas mais;  
COLEÇÕES de todas as melhores MÚSICAS que são cantadas;  
Livros de devoção para os mais velhos e contos de amor para os Jovens...

[...]

Que todos possam aproveitar os efeitos desses tesouros,  
E ler, por um preço insignificante, em suas horas de lazer;  
Dez *shillings* por ano dá acesso ao todo;  
(Você pode ler o quanto quiser, sem nenhum controle)  
Ou, se isso parecer muito e você escolher por um período de tempo  
menor,  
O preço cobrado é de dois *shillings and sixpence a quarter* (1786  
ADVERTISEMENT FOR FOWLER'S CIRCULATING LIBRARY *apud*  
BENEDICT, 2004, p. 18, tradução nossa).

No início da atuação das bibliotecas circulantes, ao longo da segunda metade do século XVIII, Gerard (1980) aponta que as mesmas comercializavam todo tipo de literatura, tais como panfletos, sermões, livros de viagem, obras de cunho educativo e moral, além dos famigerados romances, que estavam em acelerada emergência nesse mesmo período.

A partir das modificações nas práticas de leitura e o desenvolvimento do romance, o gênero passou então a se constituir como a principal atração desses estabelecimentos, ainda que muitas bibliotecas continuassem a oferecer outros tipos de leitura. Notadamente, Altick (1998) e Watt (1990) afirmam que o romance foi o gênero que mais contribuiu para a ampliação e formação de um público leitor de ficção nos séculos XVIII e XIX, sendo grande parte de sua distribuição e comercialização centralizada nas bibliotecas

circulantes. Infelizmente, esse fato, atrelado ao consumo em peso desses romances por parte das mulheres das classes médias, desencadeou em muito a depreciação da imagem e seriedade desses estabelecimentos.

Por essa razão, o objetivo principal por trás da aparente diversidade no acervo, ainda que seu comércio fosse centralizado nos romances para o público feminino, era atingir cada vez mais assinantes e alcançar o maior lucro possível, sem distinção. Ao mesmo tempo, aproveitavam tal variedade para indicar que não eram bibliotecas que ofereciam apenas romances, com receio de serem malvistas e, assim, pouco frequentadas (SCHÜRER, 2007).

Notamos, com isso, algumas práticas desempenhadas por essas bibliotecas, que lançam luz não apenas nos preços módicos cobrados e na variedade de seu acervo, mas também à condição física dos livros – de qualidade precária, em razão de sua circularidade e, por isso, facilmente identificáveis como pertencentes às bibliotecas circulantes – e na comercialização de romances como um passatempo para “passar pelas horas tristes”.

A passagem acima ilustra uma prática comum à praticamente todas as bibliotecas circulantes: a oferta de romances, tomado pela classe masculina e intelectual como um gênero mal visto e desvirtuador de “jovens moças” na Inglaterra do período industrial, uma vez que apresentavam ideias, em sua maioria, contrárias ao que era pregado como função social da mulher (BENEDICT, 2004).

Voltados essencialmente para o público feminino e anunciado, ainda que discretamente, nos catálogos dessas bibliotecas, conforme visto no trecho supracitado, as mulheres utilizavam a leitura do gênero como uma atividade recreativa e, em muitos casos, como uma das poucas formas de instrução (VASCONCELOS, 2007).

Contudo, diferentemente da passagem mencionada acima, práticas de não apresentar claramente nos catálogos a comercialização de romances já eram exercidas desde a metade do século XVIII. Se, em um primeiro momento, quando da ascensão do romance, indicavam abertamente sua comercialização nos catálogos das bibliotecas circulantes, quando o gênero passou a ser mal visto começaram a omitir termos que remontassem ao seu consumo, com receio de afastar os clientes.

No catálogo de 1755 da *Lowndes Circulating Library*, por exemplo, a indicação da comercialização de romances sugere a percepção do gênero em ascensão como meros livros de fruição, ao passo que a ausência de sua referência no catálogo na década seguinte já aponta para a má fama do gênero, tendo em vista que, ao invés de utilizarem o termo

“romance”, lançavam mão de “livros recentemente publicados”, omitindo a indicação específica ao entretenimento e referenciando-o indiretamente. Com medo de afastar seus clientes, Thomas Lowndes, proprietário da *Lowndes Circulating Library*, provavelmente retirou o termo “romance” de seu catálogo para fazer com que seu estabelecimento soasse mais respeitável em uma época na qual o gênero encontrava-se sob rígidas críticas e ataques (SCHÜRER, 2007).

Contrariamente, no âmbito da produção em massa de romances e do menosprezo sofrido por esses estabelecimentos, Gerard (1980) aponta para a *William Lane’s Minerva Library*, que parecia não se importar com a eventual má fama que poderia vir a receber. Considerada a biblioteca circulante mais empreendedora do final do século XVIII, atuou entre os anos de 1790 a 1820 e destacou-se, principalmente, no ramo do “*fiction factory*”, isto é, dos romances em série.

Conhecida por seus “*Minerva novels*”, ainda de acordo com Gerard (1980), e buscando alcançar o lucro indistintamente, o nome desta biblioteca circulante tornou-se sinônimo de comercialização de ficção vazia e de baixo valor, ainda que, como editor e divulgador, Lane tenha exercido certo monopólio neste campo. Os romances superficiais produzidos em série e, em sua maioria, os romances góticos sensacionais, tão em voga à época, foram considerados seus principais meios de obtenção de lucro. Assim, William Lane não apenas criou uma fortuna para si, como também concentrou seus produtos em uma classe específica de leitores: as mulheres, contribuindo amplamente para o desenvolvimento de seus interesses pela leitura e sua inclusão na cadeia produtiva do livro na posição de leitoras.

Entendemos, assim, que ainda que as bibliotecas circulantes almejassem primordialmente o lucro, as práticas biblioteconômicas desempenhadas nesses ambientes – mesmo que não sob esta terminologia e longe das teorias do campo -, acabaram por contribuir em muito para estimular e moldar o desenvolvimento do gênero romance e, por sua vez, estimular os gostos e as práticas de leitura do público feminino e, posteriormente, sua ascensão como escritoras.

## **5 RESULTADOS: NOVAS INSTÂNCIAS DE INCLUSÃO NA ECONOMIA DO LIVRO INGLESA**

Para Gerard (1980), por mais que tenham contribuído sobremaneira para o desenvolvimento de práticas biblioteconômicas que perduram até os dias atuais, o principal foco das bibliotecas circulantes se encontra na sua atuação e propagação face às necessidades sociais de uma época na qual o conceito prático de lazer e ócio, sobretudo no âmbito da leitura, estava começando a se expandir.

Significa dizer que, considerando-se a sociedade industrial que começava a aflorar na segunda metade do século XVIII e as mudanças econômicas e sociais acarretadas por esse processo, interesses e práticas de leitura também começaram a se modificar, estando a atuação das bibliotecas circulantes intrinsecamente associadas a esse acontecimento.

Nesse panorama, em um ambiente literário que se transmutava gradualmente dos materiais de cunho religioso para o laico, as bibliotecas circulantes têm sua expansão diretamente relacionada ao desenvolvimento do gosto popular pela leitura durante um período no qual a noção de leitura por lazer estava a emergir, isto é, em meio a ascensão do romance, tal como apontam Gerard (1980) e Meneses Tello (2014).

Tendo em vista que o objetivo principal das bibliotecas circulantes era o lucro, as mesmas buscaram comercializar o gênero que estava em voga à época: o romance. Assim, acabaram por contribuir não apenas para o desenvolvimento do gênero romance, como também por atrair e formar um novo público leitor, proveniente, sobretudo, das classes médias que não podiam arcar com os altos preços dos impressos (BENEDICT, 2004).

Ao estipularem taxas de assinatura a preços mais acessíveis, as bibliotecas circulantes tornavam possível a aquisição de livros, a um valor razoável, por parte das classes menos avantajadas, de forma a proporcionar acesso à leitura à uma camada da sociedade anteriormente à margem desse tipo de atividade.

Entendemos, assim, que esses estabelecimentos foram responsáveis por estimular o gosto e proporcionar o acesso ao livro e à leitura especialmente às mulheres que, anteriormente, se viam praticamente fora do círculo de interesse da produção e transmissão de informação e conhecimento.

As bibliotecas circulantes, em meio à sociedade industrial, foram fundamentais para o processo de inserção da mulher na cadeia produtiva do livro, seja na posição de

consumidora, leitora ou escritora, de modo a iniciar uma inclusão que, muito provavelmente sem sua existência, levaria muito mais tempo para ocorrer.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À luz da Biblioteconomia, entendemos que, nos dias de hoje, principalmente depois do advento da biblioteca pública, o sistema de aluguel de livros por assinatura caiu praticamente em desuso, tornando gratuita sua aquisição em bibliotecas (GERARD, 1980; LYONS, 2011; MENESES TELLO, 2014). Contudo, no dia a dia prático de uma biblioteca, independentemente de sua tipologia, as atividades básicas de administração e organização encontram-se tão presentes quanto nas bibliotecas circulantes dos séculos XVIII e XIX.

A maioria das bibliotecas encontradas na atualidade desempenham atividades de seleção, aquisição, registro, classificação, organização, controle de empréstimo e disponibilização de seu catálogo - para que o usuário esteja sempre ciente e atualizado sobre as obras oferecidas pelo acervo -, entre outras inúmeras práticas. Também assim ocorria nas bibliotecas circulantes. Embora com técnicas mais rudimentares, essas bibliotecas buscavam sempre administrar e organizar seu espaço, de forma a possibilitar o acesso a seu público alvo e assegurar o lucro dos livreiros.

Com base nas afirmações de Gerard (1980), torna-se possível observar a presença de métodos biblioteconômicos aplicados na administração e organização das bibliotecas circulantes para proporcionar o acesso ao livro e à leitura já nos séculos XVIII e XIX. É interessante destacarmos a importância desses procedimentos não apenas para o progresso da economia do livro como um todo, mas também para o desenvolvimento de práticas biblioteconômicas encontradas nos dias de hoje.

Aqui, podemos observar diversas técnicas e procedimentos empregados pelas bibliotecas circulantes nos períodos setecentista e oitocentista que são aplicadas em várias tipologias de bibliotecas, especialmente as públicas, na atualidade. Conforme já apontado por Gerard (1980, p. 213, tradução nossa), “Os procedimentos iniciais empregados nas bibliotecas circulantes precederam os posteriores desenvolvimentos no campo biblioteconômico”, de modo a constituírem-se como uma espécie de precedente das técnicas, modelos e processos que aplicamos atualmente.

Significa dizer que, ainda que rudimentares e com fins lucrativos, os métodos de gestão das bibliotecas circulantes, que incluem: as práticas de empréstimo, com período estipulado para devolução, a reserva de livros, a elaboração de catálogos, a aplicação dos selos de biblioteca (carimbos), de modo a registrar a quem pertencia aquele título, o registro dos assinantes, a cobrança de multas, a reposição dos exemplares perdidos ou danificados, a organização física do acervo, o acesso livre às estantes, os funcionários para auxiliarem na busca por um livro, e os métodos de seleção e aquisição em muito se assemelham ao cotidiano de uma biblioteca atual.

Além disso, aproveitando-se da nova configuração da economia do livro proporcionada pela mecanização da imprensa, essas bibliotecas expandiram substancialmente o acesso ao livro e à leitura às classes que outrora se viam fora do círculo de interesse da cultura impressa, possibilitando novas significações de seu espaço social e novas instâncias de inclusão, à exemplo da inserção da mulher no universo literário na posição de leitora e escritora.

De certa forma, para Benedict (2004), as bibliotecas circulantes diminuíram as hierarquias existentes não apenas entre os gêneros literários, mas também por entre as relações de gênero, uma vez que proporcionava, para homens e mulheres, o acesso não supervisionado à uma variedade exorbitante de livros, especialmente os romances. Com isso, para a autora, à medida em que essas bibliotecas se expandiam em número e importância ao longo do século XIX, se transformavam num símbolo notório de uma “revolução feminista”, que viria a dar seus primeiros passos na segunda metade do período oitocentista.

## REFERÊNCIAS

ALTICK, Richard Daniel. **The english common reader: a social history of the mass reading public, 1800-1900**. 2. ed. Columbus, OH: Ohio State University Press, 1998. Disponível em: [https://kb.osu.edu/dspace/bitstream/handle/1811/31701/1/THE\\_ENGLISH\\_COMMON\\_READER.pdf](https://kb.osu.edu/dspace/bitstream/handle/1811/31701/1/THE_ENGLISH_COMMON_READER.pdf). Acesso em: 16 out. 2016.

BENEDICT, Barbara. Readers, writers, reviewers, and the professionalization of literature. In: KEYMER, Thomas; MEE, Jon (ed.). **The Cambridge companion to english literature: 1740-1830**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 3-23.

BENSON, Mary Margaret. Parasols & gloves & broches & circulating libraries. **Persuasions**, [s. l.], n. 19, p. 205-210, dez. 1997. Disponível em: <http://www.jasna.org/persuasions/printed/number19/benson-m.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2016.

BRUNET, Jacques-Charles. Préface. In: BRUNET, Jacques-Charles. **Manuel du libraire et de l'amateur de livres**. 5. ed. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et C., 1860. Tomo I. p. XVII-XLI. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k209347t/f1.image>. Acesso em: 23 jul. 2018.

CHARTIER, Roger. Uma revolução da leitura no século XVIII? In: NEVES, Lúcia Maria Bastos (org.). **Livros e impressos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009. p. 93-106.

COLCLOUGH, Stephen. The circulating library, book club and subscription library: readers and reading communities: 1770-1800. In: COLCLOUGH, Stephen. **Consuming texts: readers and reading communities: 1695-1870**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2007. p. 88-117.

ERICKSON, Lee. The economy of novel reading: Jane Austen and the circulating library. **Studies in English Literature: 1500-1900**, Houston, v. 30, n. 4, p. 573-590, 1990. DOI: 10.2307/450560. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/450560>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FERGUS, Jan. Eighteenth-century readers in provincial England: the customers of Samuel Clay's circulating library and bookshop in Warwick, 1770-72. **The Papers of the Bibliographical Society of America**, Chicago, v. 78, n. 2, p. 155-213, 1984. DOI: <https://doi.org/10.1086/pbsa.78.2.24302783>. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/pbsa.78.2.24302783>. Acesso em: 15 nov. 2016.

FERGUS, Jan. The professional woman writer. In: COPELAND, Edward; MCMASTER, Juliet (ed.). **The Cambridge companion to Jane Austen**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 1-19.

FONSECA, Edson Nery da. A bibliografia como ciência: da crítica textual à Bibliometria. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 12, n. 1-2, p. 29-38, jan./jun. 1979. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/18290>. Acesso em: 26 jan. 2019.

GASKELL, Philip. **A new introduction to bibliography**. New Castle, DE: Oak Knoll Press, 2012.

GERARD, David. Subscription libraries: Great Britain. In: KENT, Allen; LANCOUR, Harold; DAILY, Jay (ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: CRC Press, 1980. v. 29, p. 205-221.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HAMLIN, Hilda. Eighteenth-century circulating libraries in England. **The Library: the transactions of the bibliographical society**, Oxford, v. 5, n. 3-4, p. 197-222, 1946.

HORCH, Rosemarie Erika. Bibliografia textual. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 3/4, p. 147-154, jul./dez. 1978. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/18194>. Acesso em: 18 nov. 2015.

KAUFMAN, Paul. The community library: a chapter in english social history. **Transactions of the American Philosophical Society**, Philadelphia, v. 57, n. 7, p. 1-67, 1967.

KITE, V. J. Circulating libraries in eighteenth-century Bath. *In*: BLUHM, R. K. (ed.). **A second North Somerset miscellany**. Somerset: Bath and Camerton Archaeological Society, 1971. p. 17-22.

LYONS, Martyn. Circulating and lending libraries. *In*: LYONS, Martyn. **Books: a living history**. London: Thames & Hudson, 2011. p. 147-150.

MCKILLOP, Alan Dugald. English circulating libraries: 1725-1750. **The library**, Oxford, v. XIV, n. 4, mar. 1934, p. 477-485, 1934. DOI: <https://doi.org/10.1093/library/s4-XIV.4.477>. Acesso em: 23 jan. 2019.

MENESES TELLO, Felipe. Bibliotecas y división de clases: las bibliotecas cuasi públicas en el sistema burgués británico durante los siglos XVIII-XIX. **Información, cultura y sociedad**, Buenos Aires, n. 31, p. 11-28, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/ics/n31/n31a02.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MENOU, Michel; GUINCHAT, Claire. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. Brasília, DF: IBICT, 1994.

SAYERS, William Charles Berwick. Introdução à primeira edição. *In*: RANGANATHAN, Sarada. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009. p. xxi-xxv.

SCHÜRER, Norbert. Four catalogues of the Lowndes circulating library, 1755-1766. **The Papers of the Bibliographical Society of America**, Chicago, v. 101, n. 3, p. 329-357, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24293712>. Acesso em: 17 mar. 2017.

TAUNTON, Matthew. **Print culture**. *In*: BRITISH LIBRARY. Londres, 15 maio 2014. Artigo publicado na seção Discovering literature: romantics e victorians. Disponível em: <http://www.bl.uk/romantics-and-victorians/articles/print-culture>. Acesso em: 18 dez. 2015.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. **A formação do romance inglês: ensaios teóricos**. São Paulo: FAPESP, 2007.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. O romance feminino do século XVIII. *In*: VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p. 103-117.

WATT, Ian. O público leitor e o surgimento do romance. *In*: WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 34-54.

WITTMANN, Reinhard. Was there a reading revolution at the end of the eighteenth century? *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (ed.). **A history of reading in the West**. Amherst, MA: University of Massachusetts Press, 1999. p. 284-312.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 03 de agosto de 2018 Aceito em: 01 de fevereiro de 2019
---